

da Líbia; certamente, com o passar do tempo, também das ilhas provinham outros tributos, bem como dos povos que habitavam na Europa até à Tessália. Todo este tributo é entesourado pelo rei do seguinte modo: manda fundir o ouro, verte-o para tonéis de terracota e, depois de encher cada um deles, retira a terracota que o envolve; quando precisa de dinheiro, manda cunhar tanto quanto lhe fizer falta, de cada vez.

97.1

Estas eram realmente as satrapias e os tributos colectados.

A Pérsia é a única terra que eu não referi entre as que pagavam imposto, pois os Persas habitam uma terra que deles estava isenta. Havia ainda outros povos a quem não era exigido o pagamento de impostos, mas que contribuíam com presentes: os Etipos, os que estão na fronteira com o Egipto e que Cambises submeteu, ao avançar contra os Etipos de Longa Vida, e os que habitam à volta da sagrada Nisa e celebram as festas em honra de Dioniso. Estes Etipos e os que vivem vizinhos a estes têm o mesmo espermia que os Indos Calâncias e têm casas subterrâneas. Uns e outros contribuíam (e têm contribuído, até ao meu tempo), de dois em dois anos, com dois quénices de ouro bruto e ainda 200 troncos de ébano, cinco rapazinhos etíopes e 20 grandes dentes de elefante. Os Colcos tinham, por si próprios, fixado um determinado presente, bem como os povos vizinhos até à montanha do Cáucaso (pois, até a esta montanha, a região é governada pelos Persas; os povos do Cáucaso, para os lados do vento Bóreas, já pouco caso fazem dos Persas) — todos estes tinham realmente fixado, por si próprios, uma dádiva, e até ao meu tempo, contribuíam, de quatro em quatro anos, com cem jovens mancebos e cem jovens donzelas. Os Árabes contribuíam sempre, anualmente, com mil talentos de incenso. Estes eram os presentes que esses povos levavam ao rei, além do tributo.

98.1

Quanto ao ouro — esse ror de ouro que os Indos, além do ouro em pó já por mim referido, levavam ao rei — é do seguinte modo que o obtêm. A nascente da terra dos Indos, o que existe é areia; pois, entre os povos que conhecemos e entre aqueles acerca de quem algo de exacto se conta, entre esses homens da Ásia, os primeiros que moram do lado da aurora e do Sol nascente, são os Indos; mais para o lado da aurora, a terra é deserta por causa da areia.

Entre os Indos, existem também muitos povos que não partilham a mesma língua; alguns deles são nómadas e outros não. Uns habitam nos terrenos pantanosos do rio e comem peixes crus, que pescam em barcos feitos de canas (cada barco é feito de um só nó do talo da cana). Estes Indos usam vestes feitas de junco: depois de recolherem o junco do rio e de o baterem, entrançam-no à maneira de um tecido de junco e envergam-no como uma couraça.

Entre os Indos, outros há que, em relação aos anteriores, habitam para o lado da aurora. São nómadas, comem carne crua e são chamados

99.1

Padeus. Os costumes que, segundo se diz, eles cultivam são os seguintes. Adoece um cidadão (homem ou mulher): se for homem, os homens que maior familiaridade têm com ele matam-no, dizendo que, se morrer devido a uma doença, a carne fica imprópria para os demais; ele bem nega, dizendo que não está doente, mas eles não sendo do mesmo parecer, matam-no e banqueteiaram-se. Se porventura é uma mulher que adoce, são as mulheres que com ela mais lidavam que fazem precisamente o mesmo que os homens. Imolam também todo aquele que chega à velhice e com ele se banqueteiavam, mas não são muitos os que chegam a esta situação, uma vez que eles matam todo aquele que fica doente.

Outros Indos têm este outro costume: nem matam nada que tenha vida, nem semeiam nada, nem têm por hábito arranjar casas; comem erva e entre eles existe um certo legume que é do mesmo tamanho que o milho miúdo, cresce numa espiça e nasce na terra, de geração espontânea; recolhem-no com a espiça, cozem-na e assim se alimentam. Entre eles, quando alguém fica doente, retira-se para um local isolado e aí se deita; ninguém se preocupa com ele, nem depois de ter morrido, nem enquanto estiver doente.

100

Entre todos estes Indos que referi, a cópula é feita à vista de toda a gente, precisamente à maneira dos animais. Têm todos a mesma cor de pele, que é semelhante à dos Etipos. A semente com que fecundam as mulheres não é branca, como a dos restantes homens, mas sim negra, tal como a sua pele; também os Etipos deitam o mesmo espermia. Estes Indos vivem mais longe dos Persas, para os lados do vento Noto, e nunca foram súbditos do rei Dario.

Mas outros Indos vivem próximo da cidade de Caspatiro e da região da Pactica²⁷⁹, para os lados da Ursa e do vento Bóreas, em relação aos outros Indos. Tais Indos têm um modo de vida semelhante aos Báctrios. Estes são também os mais beligerantes dos Indos e aqueles que são enviados em busca de ouro. A sua região é uma terra deserta, por causa da areia. Nessa terra deserta e na areia, há formigas mais pequenas do que cães, mas maiores do que raposas: no palácio do rei dos Persas, existem alguns desses animais, capturados nessa mesma região²⁸⁰.

101.1

2

²⁷⁹ A cidade de Caspatiro e a Pactica da Índia situam-se no Alto Indo, a norte do actual Paquistão.

²⁸⁰ As formigas auríferas são um dos *mirabilia* de Heródoto. Estrabão (15. 1. 44 — C 706) refere que, segundo Nearco, a pele das formigas auríferas se assemelha à do leopardo e que, segundo Megasthenes, existem na Índia minas cujos mineiros são formigas

Ora, estas formigas, ao fazerem os seus buracos debaixo da terra, levam para cima a areia, tal como as formigas que existem entre os Gregos, precisamente da mesma maneira, e também são muitíssimo semelhantes quanto ao aspecto. Mas a areia que por elas é trazida para a superfície contém ouro. E em busca desta areia que esses Indos se dirigem para a região deserta, levando cada um deles três camelos cingidos ao jugo: dois machos, um de cada lado, preso a uma corda, e ao meio uma fêmea. Esta última serve de montada ao homem, que teve o cuidado de a atástar das crias o mais cedo possível, antes de lhe pôr o jugo; pois estes camelos não são inferiores aos cavalos em velocidade e, além disso, são muito capazes de suportar uma grande carga.

Quanto ao aspecto do camelo, não o vou descrever aos Gregos, que bem o conhecem. Vou descrever apenas o que acerca deste é desconhecido: um camelo tem quatro coxas e quatro joelhos nos membros posteriores e o seu falo está voltado para a cauda entre os membros inferiores.

E então assim que muitos Indos avançam, com a tal junta de camelos, em busca do ouro, depois de muito reflectirem, de modo a que possam fazer a pilhagem na altura em que o calor é mais intenso (pois, por causa do calor, as formigas ficam escondidas debaixo da terra). Entre estes homens, o sol é mais quente durante a manhã e não, como entre os outros homens acontece, ao meio-dia; mas, desde que se levanta até à hora em que a água fica vazia, nesse intervalo o sol queima muito mais esta região, do que ao meio-dia abrasa a Grécia, de tal modo que existe a ideia de que, nessas horas, os habitantes estão mergulhados em água. Quando o dia vai a meio, queima quase igualmente os Indos e os outros homens; quando o dia declina, após o meio-dia, o sol passa a ser para eles o que é para os outros homens o sol da manhã, começa então

do tamanho de raposas, das quais os homens se aproximam com cuidado para obterem o ouro. Filóstrato (*Vida de Apolônio de Tiana* 6. 1) afirma que, segundo os poetas, os grifos da Índia e as formigas da Etiópia têm em comum a tutela das minas de ouro das respectivas regiões. Heródoto não declara ter visto essas estranhas formigas, de que terá apenas ouvido falar. I. Puskás aventua a hipótese de o historiador ter tomado por fonte uma lenda acerca de um animal guardião de tesouros nas minas da Índia, que poderia ser uma espécie de papa-formigas ("On an ethnographic topos in the classical literature — the gold-digging ants", *Annales Universitatis Budapestinensis* 5-6, 1977-1978, pp. 73-78). "Formigas" poderá ainda ter sido uma designação incorrecta para as mamotas, que são muito numerosas na zona aurífera do Dardistão. E. S. MacCartney ("The gold-digging ants", *CJ* 49, 1953-1954, p. 234) interpreta estas "formigas auríferas" como uma designação metafórica dos próprios mineiros, hipótese filiada numa lista de referências, em que a mesma comparação ocorre, desde Heródoto até à antiguidade tardia.

a afastar-se e torna-se cada vez mais fresco, ficando mesmo muito fresco, quando o sol caminha para o poente.

Quando chegam ao local do ouro, os Indos enchem de areia uns **105.1**

pequenos sacos que levam consigo e voltam para trás o mais depressa possível. Pois imediatamente, as formigas, pelo cheiro (segundo dizem os Persas), apercebem-se deles e perseguem-nos. Dizem ainda que a sua velocidade não se pode comparar com a de nenhum outro animal, de tal modo que, se os Indos não lhes levassem um certo avanço, seguindo caminho enquanto as formigas se reúnem, nenhum deles decerto se salvaria. Contam ainda que os camelos machos, que de facto são mais lentos na corrida do que as fêmeas, são libertados do jugo, quando já estão a avançar com dificuldade, embora não sejam ambos soltos ao mesmo tempo. As fêmeas, pelo contrário, lembrando-se das crias que deixaram, não mostram a mínima falta de resistência. A maior parte do ouro, é assim que os Indos a arranjiam, segundo contam os Persas: o restante ouro, a parte menos avulhada, é escavado na sua terra.

Aos extremos do mundo habitado, coube de algum modo em sorte **106.1**

o que há de melhor, tal como à Grécia coube possuir as estações que certamente são de longe as mais bem temperadas do mundo. Com efeito, para os lados da aurora, o extremo das regiões habitadas é a Índia, como há pouco acabei de referir. Aí os animais, quer os quadrúpedes, quer as aves, são todos muito maiores do que os que existem nas outras terras; todos menos os cavalos, que são suplantados pelos cavalos da Média, chamados cavalos nésicos. Aí existe também imenso ouro, não só o que provém do solo por escavação, mas também o que é levado pelas águas dos rios e ainda o que é obtido da maneira que referi. As árvores selvagens dão aí, como fruto, uma lã, que em beleza e em qualidade suplantam a que provém dos carneiros; é com a lã destas árvores que os Indos se vestem²⁶¹.

Para os lados do sul, a última das terras habitadas é a Arábia, que **107.1**

é, de entre todas as terras, a única em que se produz incenso e mirra, e também cássia, cinamomo e ládano. Todas estas coisas, excepto a mirra, é com dificuldade que os Árabes as obtêm. Quanto ao incenso, recolhem-no, queimando a resina, resina essa que os Fenícios enviam para os Gregos. Mas acontece que as árvores que produzem incenso são guardadas por serpentes aladas²⁶², de tamanho pequeno e de aspecto variegado; são inúmeras, incontáveis, à volta de cada árvore, essas

²⁶¹ Tratar-se-á decerto do algodão ou do linho (uma planta herbácea e não uma árvore).

²⁶² Segundo Teófrasto (*História das Plantas* 9. 5. 2), existiam serpentes venenosas mas não aladas, no local onde cresce o cinamomo. Aventou-se a hipótese de estas serpentes

combate naval, o povo de Lesbos, que acorreu, com todas as forças de que dispunha, em socorro dos Milésios, e fê-los prisioneiros; toram esses cativos que, presos com cadeias, escavaram todo o fosso que cerca a muralha de Samos.

40.1

A Amásis não passou despercebido o estrondoso sucesso de Polícrates, que o deixava inquieto. Como esse sucesso não parava de crescer a olhos vistos, o faraó enviou para Samos uma carta redigida nestes termos: 'Amásis aqui deixa a Polícrates uma mensagem¹²⁹. É bom saber que um amigo e hospedeiro é um homem de sorte; mas a mim, esse teu sucesso inabalável não me agrada, porque conheço a inveja dos deuses. Antes quero, para mim e para aqueles a quem prezo, sucesso numas coisas e azar noutras, do que sucesso em tudo. É que nunca ouvi falar fosse de quem fosse que, depois de ter tido sucesso em tudo, não tivesse, por fim, acabado os seus dias na maior desgraça, completamente destruído. Ouve o que te digo e, contra essa vaga de sucesso, toma as medidas que te vou sugerir: reflecte primeiro, e, quando descobrires aquilo que para ti é o bem mais precioso, cuja perda te cause um sofrimento profundo, livra-te dele de forma a que desapareça da face da terra. E se, daqui para a frente, o sucesso continuar a favorecer-te sem tréguas, sem alternar com o sofrimento, trata de lhe pôr cobro, de acordo com a sugestão que aqui te deixo'.

41.1

Depois de ler esta carta, Polícrates reconheceu que Amásis lhe dava um conselho sensato; pôs-se então à procura de qual seria, dos seus tesouros, aquele cuja perda lhe provocaria maior desgosto; depois de procurar, chegou a esta conclusão: tinha um anel com o seu selo, encastado em ouro, que costumava trazer sempre no dedo. A gravação, feita sobre uma esmeralda, era obra de Teodoro, filho de Télceles de Samos¹³⁰. A partir do momento em que decidiu livrar-se dele, fez as

se tiver em conta que, a partir de 540 a. C., a costa da Ásia Menor era propriedade do império persa, contra quem Polícrates não se insurgira.

No entanto, vários testemunhos antigos (Heródoto 3, 122.2; Tucídides 1, 13.6; Estrabão 14, 1, 16) são unânimes em reconhecer na Samos de Polícrates a primeira grande talassocracia.

¹²⁹ Esta é uma fórmula de introdução a mensagens verbais ou escritas: cf. 3, 122.

3, 5, 24.1, 7, 150.2, 8, 140.1; Tucídides 1, 129, 3.

¹³⁰ Cf. 1, 51, 3; Pausânias 8, 14, 8. Teodoro é aí referido como um famoso arquitecto, lapidador de pedras e um artista do metal, activo em Samos entre 560-520 a. C. A circunstância de ter já morrido nesta ocasião fazia do anel de Polícrates uma peça verdadeiramente insubstituível.

Segundo o testemunho de Plínio, *Historia Natural* 37, 2, conser, 'ava-se em Roma, no templo da Concórdia, o anel de Polícrates, embora a pedra que aí figurava não fosse uma esmeralda, mas uma outra de menor valor. Versão que não parece digna de muito crédito.

diligências seguintes: equipou um navio, subiu a bordo e fê-lo navegar até ao mar alto. Quando estava já ao largo da ilha, tirou o anel do dedo e, à vista de todos os que o acompanhavam nesta viagem, lançou-o à água. Tomou então o caminho do regresso, voltou para o palácio e deu largas ao sofrimento.

Mas eis que, cinco ou seis dias depois, lhe acontece este episódio: 42.1

um pescador apanha um peixe enorme, um exemplar magnífico, que achou digno de ser oferecido a Polícrates. Apresenta-se com ele no palácio e declara que quer ser admitido à presença do rei. Quando lhe é dada a respectiva autorização, oferece o peixe com estas palavras: 'Meu senhor, este peixe que apanhei não me pareceu bem levá-lo para o mercado, embora eu viva do meu trabalho. Achei-o mais digno de ti e do teu poder. Por isso aqui to trago de presente.' Polícrates, agrado com as razões do pescador, respondeu: 'Pois fizeste muito bem e por isso te fico duplamente agradecido, pelas palavras e pela oferta. Estás convidado para o jantar'. O pescador voltou para casa radiante com o convite. Mas, ao abrirem o peixe, os criados encontraram-lhe no bucho o anel de Polícrates. Mal o viram, agarraram nele a toda a pressa e levaram-no ao rei, na maior alegria. Ao entregarem-lho, explicaram como o tinham encontrado. Polícrates, convencido de que ali andava a mão da providência, escreveu uma carta a contar tudo o que tinha feito e o resultado que se seguiu e enviou-a para o Egipto.

Amásis, após a leitura da mensagem remetida por Polícrates, compreendeu que está acima da força humana proteger um homem do destino que o espera, e que Polícrates, em tudo um felizardo, que até o que queria perder recuperava, não podia acabar bem. Mandou então a Samos um embaixador para cancelar o pacto de hospitalidade. O que o determinou a esta atitude foi o desejo de evitar a si próprio, por se tratar de um hóspede, o sofrimento natural, no caso de Polícrates vir a ser vítima de alguma desgraça terrível e definitiva¹³¹.

Sobre a proverbial fortuna de Polícrates, cf. Platão, *Ménon* 90a: sobre as grandezas e atitudes mecenáticas da corte de Samos, cf. Shipley, *The history of Samos 800-188 b. C.*, Oxford, 1987, pp. 81 sqq.

¹³¹ Na versão de Heródoto é Amásis que toma a iniciativa de romper o pacto de aliança existente com Samos; Diodoro (1, 95, 3) confirma esta versão, embora a justifique de outro modo, pelo repúdio do faraó pela política tirânica de Samos; as razões essencialmente egoístas invocadas por Heródoto, Diodoro acrescenta imperativos de justiça e de recusa da violência, que se inserem num elogio da personalidade de Amásis. Hoje tem-se defendido mais a ideia (cf. J. Labarbe, 'Polycrate, Amasis et l'anneau', *AC* 53, 1984, p. 30) de que a iniciativa de rompimento fosse de Polícrates, perante a ameaça

5 chuva como aos outros homens, mas durante o verão, quando semeiam milho e sésamo, têm falta de água. Por isso, quando deixaram de receber água, foram ter com os persas: de pé, às portas do rei, eles e as esposas bradaram em altas vozes, soltando gritos de dor. Ordena então o rei que se abram as comportas voltadas para as regiões do povo que mais necessita de água; quando essa terra já tiver bebido o suficiente e estiver perfeitamente saciada de água, essas portas são fechadas, e o rei manda abrir outras, para aquele povo que mais necessitado esteja, entre os restantes povos. Mas, segundo sei por ter ouvido dizer, é só depois de ter cobrado avultadas quantias, além do tributo fixado, que o rei abre as comportas. É isto o que realmente se passa²⁹⁵.

118.1 Quanto aos sete homens que contra o mago se revoltaram, acontece que um deles, Intáfrenes, pouco depois da revolta, morreu, por ter cometido um erro, que foi o seguinte. Ele desejava entrar no palácio e tratar de uns assuntos de Estado com o rei. Mas havia uma regra a cumprir: àqueles que se tinham revoltado contra o mago, era permitido entrar no palácio sem mensageiro, desde que não se desse o caso de o rei estar detido com uma mulher²⁹⁶. Ora Intáfrenes não considerou justo que alguém tivesse de o anunciar ao rei, dado que era um dos sete; queria, isso sim, entrar. Mas o porteiro e o funcionário encarregado de anunciar os visitantes não o consentiram, com o argumento de que o rei estava detido com uma mulher. Intáfrenes, convencido de que eles estavam a mentir, fez o seguinte: sacou da cimitarra e cortou-lhes as orelhas e o nariz²⁹⁷, que prendeu ao freio do seu cavalo; colocou-lhes o freio à volta do pescoço e só depois os deixou ir. Eles foram mostrar-se ao rei e contaram por que razão tinham padecido tal tortura. Com receio de que os outros seis conjurados tivessem planeado isso de comum acordo, Dario mandou chamar cada um deles: tentava assim conhecer-lhes a opinião e saber se estavam de acordo com o que tinha sido feito. Quando descobriu que Intáfrenes não tinha agido em conluio com os outros, prendeu-o. Prendeu também os filhos e todos os demais

²⁹⁵ Em certas regiões do império persa, era realmente o governador que geria o abastecimento de água às populações, fixando impostos para a irrigação dos campos. Esta era uma das fontes do receptor? Indício de que este episódio teria sido redigido à parte e posteriormente incorporado na obra?

²⁹⁶ Cf. *supra* 3, 84. Meta repetição de uma norma pouco antes mencionada, para avivar a memória do receptor? Indício de que este episódio teria sido redigido à parte e posteriormente incorporado na obra?

²⁹⁷ Cf. Heródoto 3, 69, 154; 9, 112. A mutilação do nariz e das orelhas parece ter sido uma pena muito comum entre os Persas, atestada na inscrição de Behistun (§§ 32-33).

3 varões da sua casa, por ter fortes suspeitas de que aquele congemitava, com os da sua estirpe, uma revolta contra o rei. Prendeu-os, pois, e encarcerou-os, para os condenar à morte. Vezes sem conta, a mulher de Intáfrenes veio ter às portas do rei, chorando e lamentando-se. Tantas vezes assim fez, que levou Dario a compadecer-se dela. Enviou-lhe então o monarca um mensageiro, com o seguinte recado: "Mulher, o rei Dario concede-te o favor de salvar da morte um dos teus familiares que estão no cárcere — aquele que tu quiseres, de entre todos eles." A mulher, depois de muito meditar, respondeu assim: "Se de facto o rei me concede apenas a vida de um, prefiro entre todos o meu irmão²⁹⁸."

5 Quando de tal soube, Dario ficou espantado com tais palavras e enviou-lhe um mensageiro com esta pergunta: "Mulher, o rei pergunta-te qual é o teu raciocínio, ao pretendes o marido e os filhos, preferindo que sobreviva o teu irmão, que te diz menos respeito do que os filhos e que te é menos grato do que o teu marido." Ao que ela retorquiu: "Senhor, meu rei, se a vontade divina assim o quisesse, outro marido eu poderia ter e outros filhos também, na hipótese de perder estes que tenho; mas do meu pai e da minha mãe, que já não são vivos, de modo algum me viria outro irmão. Foi pensando nisto que tais palavras proferi." Pareceu a Dario que a mulher falava acertadamente e, encantado com ela, deixou-a levar consigo não só aquele que ela pedira, mas também o filho mais velho. Quanto aos restantes, matou-os a todos. Foi assim, como acaba de ser referido, que um dos sete conjurados depressa morreu.

Foi muito perto da altura da doença de Cambises, que aconteceu 120.1 o episódio seguinte. Tinha sido nomeado por Ciro, como governador de Sardes, um persa chamado Oretes. Um dia, este homem ousou deliberadamente executar um plano ímpio: sem nunca ter sido lesado por Polícrates de Samos, sem ter ouvido nenhuma palavra insolente da sua parte, sem nunca sequer o ter visto antes, decidiu apanhá-lo e matá-lo — tudo isso, segundo conta a maioria, por esta simples razão que passo a mencionar. Certa ocasião, estava Oretes às portas do palácio do rei e com ele estava outro persa chamado Mitrobates, que era governador da província de Dascílio. Estavam a falar de coragem, quando, palavra puxa palavra, entraram em desacordo. Disse Mitrobates a Oretes, em

²⁹⁸ Idêntico raciocínio formula Antígona, na tragédia de Sófocles (*Antígona* 905 sqq.). Cf. o mesmo tópico em Apolodoro (2, 6, 4) e Luciano (*Toxaris ou a Antizade* 61; *A Deusa da Síria* 18) e na tradição oriental — cf. G. Germain "Du conte à la tragédie (a propos d'Antigone, 905-912)" *REG* 80, 1967, pp. 106-112; T. Nöldeke, "Zu Herodot 3, 119 (Sophokles *Antigone* 903-913), *Hermes* 29, 1984, pp. 155-156.